

“EIS A QUESTÃO”: COMO A ESCRITA SHAKESPEARIANA SE MANIFESTA NA CONTEMPORANEIDADE

Maria Luiza Reis dos Santos¹
Pérola Cunha Bastos²

Resumo: William Shakespeare (1564-1616) é considerado o maior escritor em Língua Inglesa da história e o maior dramaturgo de todos os tempos. Ele é também o autor mais citado da história no mundo anglófono e, mesmo mais de quatro séculos após a sua morte, seus personagens icônicos e enredos trágicos e envolventes continuam inspirando e reverberando não só no teatro e na literatura, mas em todos os tipos de arte. E essa influência não se encerra aí, uma vez que Shakespeare criou um extenso vocabulário estimado em aproximadamente 1.700 itens, entre palavras e expressões, que ainda é largamente utilizado por falantes do Inglês Moderno em seu cotidiano. O presente trabalho tem como objetivo principal, portanto, observar como a influência shakespeariana se dá na modernidade. Para isso, acolhemos a metodologia de pesquisa e análise bibliográfico-documental, momento pelo qual foram examinadas obras literárias e cinematográficas em busca de reproduções ou reformulações das narrativas e dos clichês shakespearianos, bem como de situações onde algumas das suas palavras e expressões foram empregadas. Tendo isso em vista, iremos ainda investigar os motivos pelos quais essa influência se faz tão presente e os aspectos que possibilitam a escrita de Shakespeare se manter tão relevante e atual.

Palavras-Chave: William Shakespeare. Literatura Inglesa. Inglês Moderno.

¹ Graduanda do segundo semestre em Letras, Língua Inglesa e suas Literaturas na Universidade do Estado da Bahia (DLLARTES/UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: luizareis109@gmail.com.

² Mestre em Educação Profissional. Profa Assistente do Colegiado de Inglês. DLLARTES, Campus II. UNEB. Endereço eletrônico: pbastos@uneb.br.

INTRODUÇÃO

O período elisabetano é considerado a era de ouro da literatura inglesa. A Rainha Elizabeth I era uma grande apreciadora das artes e desafiou diversos processos gerados pela Reforma Inglesa³. Os protestantes radicais (chamados pejorativamente de puritanos), se opunham a diversos aspectos da cultura inglesa como certas formas de arte, vestimenta e festivais. Mas Elizabeth não permitiu o fechamento de teatros nem o banimento de feriados.

Essa postura da Rainha foi o que permitiu o surgimento de um dos maiores escritores de todos os tempos: William Shakespeare. O grande dramaturgo morreu em 23 de abril de 1616, mais de quatro séculos atrás. A sua extensa contribuição para a literatura e a própria língua inglesa, no entanto, segue viva e presente nos dias de hoje.

Para observar como essa influência shakespeariana acontece na contemporaneidade foram examinadas obras cinematográficas e literárias dos séculos XX e XXI. A escolha de apenas dois tipos de artes e desse período ocorreu devido à necessidade de limitar o número de obras a serem analisadas e possibilitar uma investigação mais específica.

Foi feita também uma pesquisa documental para entender os aspectos que tornam a escrita de Shakespeare tão relevante e atual.

DEFININDO O SHAKESPEARIANO

Antes de iniciar a investigação é importante determinar o que será observado. Em suas obras, William Shakespeare escreveu

³ ou Reforma Anglicana, quando Henrique VIII se opôs à Igreja Católica e fundou a Igreja Anglicana.

mais de 20.000 palavras dentre as quais aproximadamente 1.700 são tidas em muitas fontes como inéditas. Mas é difícil determinar, de fato, quantas palavras e expressões Shakespeare inventou. Isso porque mesmo que algumas palavras tenham seu primeiro registro em suas obras, é possível que estas já fossem utilizadas na linguagem oral. Com o passar do tempo e a investigação de obras mais antigas do período, o número de palavras atribuídas a ele tem diminuído. De acordo com Crystal (2021, p. 65), até 2017, palavras que ainda tem sua criação vinculada a Shakespeare incluem: *assassination*, *chop-fallen*, *choppy*, *cloud-capped*, *demi-puppet*, *disbench*, *disorb*, *encrimsoned*, *exsufflicate*, *fishify*, *foxship*, *frutify*, *portcullis* (o verbo), e *unkinged*.

Shakespeare também possuía um jeito único para manifestar certos sentimentos. E essa expressividade não só contribuiu para a riqueza de sua escrita, mas também impactou tão profundamente a língua inglesa que muitas frases de suas obras ainda são largamente referenciadas (como o famoso monólogo de Hamlet: “*to be, or not to be, that is the question*”⁴) ou são utilizadas na linguagem cotidiana sem que o falante tenha sequer conhecimento de sua origem.

A associação da cor verde com a inveja (ou o ciúme) é um bom exemplo disso. O vilão Iago de *Otelo* chama o ciúme de monstro de olhos verdes (*the green-eyed monster*, no original) e, antes disso, em *O mercador de Veneza* (1600), Portia menciona um ciúme de olhos verdes (ou *green-eyed jealousy*). Nos dias de hoje, falantes do Inglês Moderno usam a expressão ‘*green with envy*’ (verde de inveja) para expressar seu descontentamento com a felicidade alheia. Tal forma de descrever é até hoje imitada e é uma característica importante do que se considera shakespeariano.

⁴ Em português: “ser ou não ser, eis a questão”, tradução nossa.

Outro aspecto a ser observado são os temas abordados em suas peças. Ao ler uma obra de Shakespeare é muito difícil determinar sobre o que exatamente ela fala, não só pela subjetividade da interpretação pessoal, mas também porque as peças shakespearianas são complexas e abordam diversos temas. *NoSweatShakespeare* (2011) enumera estes temas: aparência e realidade, conflito, ordem e desordem, mudança/transformação, ambição, traição, corrupção, morte, enganação, bem e mal, ódio, vingança e sofrimento e afirma que os quatro primeiros são os mais proeminentes.

A questão de aparência e realidade pode ser definida com uma frase de *O mercador de Veneza* (1600): *'All that glitters is not gold'*⁵. Muitas vezes seus personagens são vistos de uma forma pelos outros personagens e de maneira diferente por quem lê/assiste. Um exemplo é o Rei Duncan que não desconfia das intenções de Macbeth ao convidá-lo para sua casa, mas a audiência sabe que o general pretende matá-lo.

Ainda de acordo com *NoSweatShakespeare* (2016), os conflitos shakespearianos envolviam, mas não se limitavam a: rivalidade no amor ou a guerra, brigas de família ou entre famílias e guerras civis ou contra nações estrangeiras. Shakespeare também falava sobre conflitos de raça ou de classe, conflito de gerações e a luta entre o bem e o mal. Mas, provavelmente, a característica mais marcante dos personagens shakespearianos é o conflito interno, que se torna mais complexo e dramático graças às tribulações sofridas durante o desenvolvimento da história.

Os temas de ordem e desordem e de transformação estão interligados. “Quase todas as peças de Shakespeare começam com um estado de ordem ou estabilidade, que dá lugar à desordem ou confusão” (*NoSweatShakespeare*, 2016). Dessa forma tanto a

⁵ Nem tudo o que reluz é ouro, em português, tradução nossa.

sociedade ou o indivíduo passam por grandes mudanças até que a ordem seja restabelecida no final da narrativa, quando os personagens ganham uma nova visão.

AGATHA CHRISTIE E SHAKESPEARE

Agatha Christie foi, durante toda a sua vida, uma grande fã das obras de Shakespeare e tinha o costume de referenciá-las em seus próprios trabalhos. Diversos dos seus livros foram nomeados tendo os textos de Shakespeare como inspiração e ele é “o escritor mais citado nas histórias de Christie” (CHAN, 2016, tradução nossa).

Além das citações, Agatha Christie usa muitos temas shakespearianos em suas obras e *Sparkling cyanide* não é exceção. Traduzido no Brasil como *Um brinde de cianureto*, o romance policial foi publicado pela primeira vez em 1945 e a narrativa se inicia após o suposto suicídio de Rosemary Barton que aconteceu durante um jantar no restaurante Luxembourg um ano antes.

“THERE’S ROSEMARY, THAT’S FOR REMEMBRANCE”⁶

Um dos aspectos observados nas obras de Shakespeare é a repetição de certas imagens ou palavras por toda a obra. Um exemplo disso é *Macbeth* (1623), em que a palavra sangue é sempre citada trazendo diferentes significados. Em *Sparkling cyanide* (2009), isso ocorre através da repetição da citação acima, dita por Ofélia na Cena 5 do Ato 4 de *Hamlet*:

OPHELIA

There's rosemary, that's for remembrance; pray,

⁶ “Tem alecrim, que é para lembrança”, tradução nossa.

love, remember: and there is pansies. that's for thoughts
(SHAKESPEARE, 1603, p. 106).

Essa frase é referenciada pelo menos seis vezes durante toda a narrativa, tanto na narração quanto pelos próprios personagens e seja em citação direta ou apenas uma alusão. Agatha Christie utiliza essa repetição para demonstrar a presença de Rosemary na memória dos outros personagens, especialmente nos primeiros capítulos do chamado '*Book 1*'. Esse simbolismo aparece de forma bastante concreta nas últimas linhas do romance:

He touched the sprig of fragrant green with his lips and
threw it lightly out of the window.
"Good-bye, Rosemary, thank you"
Iris said softly:
"*That's for remembrance*"
And more softly still:
"*Pray love remember*"
(CHRISTIE, 2009, p. 204, grifo do autor).

Aqui o ramo de alecrim (em inglês, *rosemary*) é usado para representar Rosemary. O ato de Anthony Browne, de jogar o ramo pela janela, é tanto uma despedida quanto uma autorização para que Rosemary possa descansar agora que seu assassino foi encontrado e preso e Iris não corre mais perigo. O ato também representa, metaforicamente, a lembrança dela que os atormentava indo embora para longe da mente deles agora que tudo foi solucionado.

A utilização de flores para representar personagens femininas também é algo que acontece em Shakespeare. A própria Ofélia carregava um buquê de flores invisíveis cujo simbolismo espelhava a sua própria personalidade.

Como dito anteriormente, a ambição era um dos temas mais presentes nas peças de Shakespeare. Em *Hamlet*, por exemplo,

antes do início da narrativa Cláudio envenena o Rei Hamlet, seu irmão, e em seu monólogo o novo rei menciona seus motivos:

O, my offence is rank it smells to heaven;
It hath the primal eldest curse upon't,
A brother's murder. [...] I am still possess'd
Of those effects for which I did the murder,
My crown, mine own ambition and my queen
(SHAKESPEARE, 1603, p. 82-83, grifo nosso).

Rei Cláudio admite que o seu crime foi motivado pela inveja ao afirmar que “a maldição original do [irmão] mais velho” o atingiu, comparando seu pecado ao de Caim que também assassinou o próprio irmão. Ademais, o rei anuncia outras razões para o assassinato: a coroa (poder), sua própria ambição (riquezas) e a rainha (amor).

Em *Sparkling cyanide* (2009), Agatha Christie apresenta os motivos pelos quais seus personagens poderiam ter cometido o assassinato de Rosemary. As razões de todos os suspeitos são bem semelhantes às de Cláudio, mas destacam-se as motivações dos verdadeiros assassinos: Ruth Lessing e Victor Drake pretendiam herdar todo o dinheiro de Rosemary através da mãe de Victor. Ruth ainda tinha motivos a mais: a paixão que ela passou a sentir por Victor e a inveja que ela nutria pela vida sem preocupações que Rosemary levava.

Outro tema comum nas obras de Shakespeare é a presença do sobrenatural, isso se deve ao fato de que as pessoas costumavam ser muito supersticiosas nos tempos elisabetanos. Suas peças mais conhecidas possuem alguma aparição fantasmagórica—*Macbeth* (1623), por exemplo, em que o rei é surpreendido pela presença do fantasma de Banquo ou *Hamlet* (1603), em que o próprio espírito do rei vem revelar ao seu filho as circunstâncias de sua morte. No século XX de Agatha Christie, tais

superstições já não eram mais tão populares, por isso os fantasmas de Rosemary e George Barton aparecem apenas como uma sensação ou uma memória em vez de possuírem uma forma física como nos textos de Shakespeare.

A MEGERA DOMADA E SEU LEGADO

Apesar de suas mais famosas peças serem tragédias, Shakespeare também teve grande êxito com suas comédias. A *megera domada* (*The taming of the shrew*, originalmente) de 1623 é uma destas e a sua sinopse é a seguinte:

Nesta comédia de Shakespeare, Batista é um rico mercador, pai de duas garotas: Catarina e Bianca. Quando Batista decide que sua filha mais velha, a megera Catarina, deverá se casar antes de Bianca, os pretendentes da caçula promovem várias artimanhas. Um deles propõe a Petróquio, recém-chegado à cidade, que peça a mão da megera. Pensando em se dar bem financeiramente, Petróquio aceita a proposta. Com calculadas estratégias, Petróquio vai domando Catarina, enquanto Lucêncio conquista o amor de Bianca (SHAKESPEARE, 2014).

Suas temáticas de guerra dos sexos, casamento e cortejamento e seu tom humorístico faz com que a obra se mantenha atual e seja um enredo perfeito tanto para as telonas quanto para as telinhas.

SHAKESPEARE PARA ADOLESCENTES

A *megera domada* se transforma em uma comédia romântica adolescente no filme *10 things I hate about you* (*10 coisas que eu odeio em você*, no Brasil). As alusões à comédia Shakespeariana vão desde os nomes dos personagens até detalhes menores no enredo. No filme de 1999, Bianca se mantém Bianca;

Petrúquio, da cidade de Verona, vira Patrick Verona; Catarina é Katarina; e Lucêncio, o único que recebe um nome completamente diferente, torna-se Cameron. Os sobrenomes das irmãs, Stratford, é uma clara referência à cidade natal de Shakespeare: Stratford-upon-Avon. Da mesma forma, *Padua High School*, a escola em que todos eles estudam, tem o mesmo nome da cidade em que a história original se passa.

O filme explora bastante a temática da aparência em contraste com a realidade, presente também na peça original. Por exemplo, tanto Joey Donner quanto Cameron querem sair com Bianca, por isso o último, com ajuda de seu amigo Michael, convence o primeiro a pagar Patrick Verona para sair com Kat. Em outro momento, Cameron finge ser um professor de francês para poder passar mais tempo com Bianca sem o pai dela saber. Há ainda Bianca que finge estar interessada em Cameron, quando na verdade seu desejo é sair com Joey.

A temática de traição também é importante no filme, uma vez que a confiança de Katarina e Cameron eventualmente descobrem que as pessoas por quem eles são apaixonados (Patrick e Bianca, respectivamente) apenas se envolveram com eles para benefício próprio e não por amor.

Por último, os personagens sofrem grandes transformações: Patrick se apaixona por Kat, Bianca se apaixona por Cameron e o pai das adolescentes deixa de ser tão controlador e começa a permitir que elas vivam suas próprias vidas.

Existe no filme também várias citações tanto à obra original quanto a outros trabalhos de Shakespeare. Cameron ecoa as palavras de Lucêncio ao ver Bianca pela primeira vez: “*I burn, I pine, I perish*” (eu queimo, eu definho, eu morro, tradução nossa). Em um momento posterior, durante a aula do Senhor Morgan, este faz a leitura de um trecho do *Soneto 141*:

In faith, I do not love thee with mine eyes, For they in thee a thousand errors note;
But 'tis my heart that loves what they despise,
Who, in despite of view, is pleas'd to dote; (SHAKESPEARE, 1609).

O ponto interessante deste trecho do filme é que o professor enuncia o soneto em uma cadência de *rap*. Esse soneto também é o que vai inspirar o famoso poema escrito pela Katarina Stratford, que dá nome ao filme.

Outro soneto citado é o *Soneto 56* (1609), ao tentar reanimar Patrick em sua tentativa de conquistar Kat, Michael cita as linhas de abertura do poema: “*Sweet love, renew thy force;*”. Michael também cita uma frase de *Macbeth* (1623) para tentar impressionar Mandella, uma fã de Shakespeare. Ele diz “*who could refrain, / That had a heart to love*”, ao que ela completa “*and in that heart / Courage to make 's love known?*”. Michael também personifica Shakespeare para convidar Mandella para a festa de formatura. Por último, ele ainda faz uma alteração bem humorada em uma expressão popular na língua inglesa, quando Kat descobre o negócio feito entre eles e Patrick. Ele afirma: “*the shit hath hitteth the faneth*”, fazendo uma brincadeira com o final — th que existia na conjugação da terceira pessoa do singular do presente no *Early Modern English*. Importante mencionar que a adição do sufixo — th a palavra ‘*fan*’ é equivocada já que nesse caso ela é um substantivo e não um verbo.

O BRASIL AMA A MEGERA

A *megeira domada* é também um enredo muito popular na teledramaturgia brasileira. A história foi adaptada para a televisão pela primeira vez por Ivani Ribeiro em 1965 na novela *A indomável* (não confundir com *A indomada*, de 1997), produzida pela extinta TV Excelsior. Essa novela serviu como base posteriormente para *O*

machão, escrita também por Ivani junto de Sérgio Jockyman, exibida pela extinta Rede Tupi de 1974 a 1975. Uma terceira versão da obra foi exibida entre os anos 2000 e 2001 pela TV Globo: *O cravo e a rosa*, escrita por Walcyr Carrasco e Mário Teixeira.

E tanto *A megera domada* como o filme *10 coisas que eu odeio em você* serviram como base para um dos núcleos de *Malhação sonhos*, também da TV Globo e exibida de julho de 2014 a agosto de 2015. As atrizes Bruna Hamú e Isabella Santoni interpretaram as irmãs Bianca e Karina, respectivamente, e Rafael Vitti viveu Pedro, o Petróquio dessa versão.

É interessante observar que todas essas telenovelas foram exibidas em diferentes épocas (anos 60, 70, 2000 e 2010) e todas tiveram grande sucesso em termos de audiência. Isso mostra que a narrativa de Shakespeare se mantém atual através das gerações e entre públicos diversos (o público adolescente de *10 coisas que eu odeio em você* e *Malhação*, por exemplo).

“EIS A QUESTÃO”

Está claro que a influência shakespeariana segue viva mesmo mais de quatrocentos anos após a sua morte e não se limita apenas à literatura e ao teatro. A questão é: por que isso acontece? Quais são os aspectos da escrita de Shakespeare que possibilitam essa longevidade a suas obras?

Para Mark Bayer, professor da Universidade do Texas em San Antonio (*University of Texas at San Antonio*, UTSA) essa longevidade está relacionada tanto ao apelo universal das obras quanto à importância dada pela própria cultura popular. Ainda segundo ele as peças de Shakespeare foram escritas pensando nas pessoas de sua própria época: “eles gostavam dos fantasmas, da intriga política, das tramas de assassinato, das nações em guerra.

Essas eram as coisas que estavam na mente das pessoas naquele tempo” (TUMIEL, 2019, tradução nossa)⁷.

O fato é que desde aquela época pouca coisa mudou, pelo menos em relação ao que as pessoas gostam de assistir. A tragédia de Romeu e Julieta, por exemplo, que se amavam tanto a ponto de morrerem por esse amor ainda é atraente porque tal sentimento é um desejo universal. Seus outros temas, relacionados à morte, poder, ambição, traição também são experiências comuns e intrínsecas à existência humana e por isso nunca saem de moda.

Sobre o impacto na cultura popular, a dramaticidade de sua escrita influenciou grande parte dos poetas românticos e muitos romancistas como Herman Melville, que utiliza monólogos shakespearianos e indicações cênicas em *Moby-Dick* (1851). Mesmo o psicanalista Sigmund Freud utilizou personagens de Shakespeare — mais notavelmente Macbeth e Hamlet — para suas análises da psique humana.

Em 1710, Jacob Tonson passou a utilizar a imagem de Shakespeare como a logo de sua empresa, em sua livraria, em anúncios e também em suas publicações. E desde então a imagem do bardo e suas obras têm sido utilizadas para vender os mais variados tipos de produtos, desde chocolates e cerveja até sabão e mesmo computadores. A força de Shakespeare como uma marca só cresceu e se firmou no decorrer dos anos e isso contribuiu para a sua popularidade.

⁷ “They (early modern audiences) would enjoy the ghosts, the political intrigue, the murder plots, the nations at war. These were things that were on people’s minds at that time”.

CONCLUSÃO

A partir desse trabalho foi possível compreender como a influência shakespeariana se dá na contemporaneidade. As narrativas criadas por Shakespeare servem como inspiração para outras obras e são reformuladas para um público mais moderno. Além disso, os seus neologismos e a forma expressiva de sua escrita trouxe para os autores contemporâneos novas possibilidades ao contar histórias.

As temáticas abordadas por Shakespeare se mostram atemporais e a caracterização única dada aos seus personagens — que escancaram os defeitos e fragilidades presentes em todos os seres humanos — faz com que as suas histórias se mantenham relevantes por tantos séculos.

REFERÊNCIAS

10 things I hate about you. Direção: Gil Junger. Produção: Andrew Lazar. Burbank: Buena Vista Pictures, 1999. (97min).

BOSTON, Michelle. *Six reasons Shakespeare remains relevant 400 years after his death*. In: University of Southern California. *USC News*. Los Angeles, 10 fev. 2016. Disponível em: <https://news.usc.edu/91717/six-reasons-shakespeare-remains-relevant-400-years-after-his-death>. Acesso em: 1 jul. 2022.

CHAN, Chris. William Shakespeare's influence on Christie's works. In: Agatha Christie Limited. *The Home of Agatha Christie*. [s.l.]. 22 abr. 2016. Disponível em: <https://www.agathachristie.com/en/news/2016/william-shakespeares-influence-on-christies-works>. Acesso em: 15 jun. 2022.

CHRISTIE, Agatha. *Sparkling cyanide*. Nova Iorque: William Morrow Paperbacks, 2009. ISBN: 9780061752636.

CRYSTAL, David. *David Crystal's 50 questions about english usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 65. Disponível em: https://www.cambridge.org/files/9916/1953/2477/Extract_2.pdf?utm_source=Wobl&utm_medium=blog&utm_content=woblcontent&utm_campaign=prodev&utm_class=download. Acesso em: 15 jun. 2022.

KRISTINC. *A literary revolutionary: William Shakespeare*. In: Teen Ink. *Teen Ink*. Cupertino, 18 jun. 2012. Disponível em: <https://www.teenink.com/nonfiction/academic/article/474476/A-Literary-Revolutionary-William-Shakespeare>. Acesso em: 1 jul. 2022.

NOSWEATSHAKESPEARE. Appearance & reality in Shakespeare. In: NoSweat Digital Ltd. *No Sweat Shakespeare*. Londres, 21 fev. 2016. Disponível em: <https://nosweatshakespeare.com/play-themes/appearance-and-reality>. Acesso em: 1 jul. 2022.

NOSWEATSHAKESPEARE. *Conflict in Shakespeare*. In: NoSweat Digital Ltd. *No Sweat Shakespeare*. Londres, 21 fev. 2016. Disponível em: <https://nosweatshakespeare.com/play-themes/conflict-2>. Acesso em: 1 jul. 2022.

NOSWEATSHAKESPEARE. 'Green eyed monster', meaning & context. In: NoSweat Digital Ltd. *No Sweat Shakespeare*. Londres, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://nosweatshakespeare.com/quotes/famous/green-eyed-monster>. Acesso em: 1 jul. 2022.

NOSWEATSHAKESPEARE. *Order & disorder in Shakespeare*. In: NoSweat Digital Ltd. *No Sweat Shakespeare*. Londres, 21 fev. 2016. Disponível em: <https://nosweatshakespeare.com/play-themes/order-and-disorder>. Acesso em: 1 jul. 2022.

NOSWEATSHAKESPEARE. *Shakespeare themes*. In: NoSweat Digital Ltd. *No Sweat Shakespeare*. Londres, 10 ago. 2011. Disponível em: <https://nosweatshakespeare.com/play-themes>. Acesso em: 1 jul. 2022.

NOSWEATSHAKESPEARE. *Transformation in Shakespeare*. In: NoSweat Digital Ltd. *No Sweat Shakespeare*. Londres, 2 jul. 2016. Disponível em: <https://nosweatshakespeare.com/play-themes/transformation>. Acesso em: 1 jul. 2022.

SHAKESPEARE, William. *A megera domada*. Trad. Flavio de Souza. São Paulo: FTD, 2014. 136 p. (Shakespeare Em Cena). Título original: *The Taming of the Shrew*. ISBN: 9788532286017.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. [s.l.]. 1603. Disponível em: <https://www.w3.org/People/maxf/XSLideMaker/hamlet.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SHAKESPEARE, William. *Sonnet CXXI*. [s.l.]. 1609. Disponível em: <http://shakespeare.mit.edu/Poetry/sonnet.CXXI.html>. Acesso em: 2 jul. 2022.

SHAKESPEARE, William. *Sonnet LVI*. [s.l.]. 1609. Disponível em: <http://shakespeare.mit.edu/Poetry/sonnet.LVI.html>. Acesso em: 2 jul. 2022.

SHAKESPEARE, William. *The merchant of Venice*. [s.l.]. 1600. Disponível em: <http://shakespeare.mit.edu/merchant/full.html>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SHAKESPEARE, William. *The taming of the shrew*. [s.l.]. 1623. Disponível em: http://shakespeare.mit.edu/taming_shrew/full.html. Acesso em: 15 jun. 2022.

TUMIEL, Cindy. *Why do we still care about Shakespeare? | Ovarions | UTSA's College of Liberal and Fine Arts Magazine*. Disponível em:

<https://www.utsa.edu/ovations/vol8/story/shakespeare.html>. Acesso em: 02 jul. 2022.

XAVIER, Nilson. *A indomável*. In: Nilson Xavier. *Teledramaturgia*. [s.l.]. [s.d.]. Disponível em:

<http://teledramaturgia.com.br/a-indomavel>. Acesso em: 15 jun. 2022.

XAVIER, Nilson. *Malhação sonhos (2014)*. In: Nilson Xavier. *Teledramaturgia*. [s.l.]. [s.d.].

Disponível em: <http://teledramaturgia.com.br/malhacao-2014>. Acesso em: 15 jun. 2022.

XAVIER, Nilson. *O cravo e a rosa*. In: Nilson Xavier. *Teledramaturgia*. [s.l.]. [s.d.]. Disponível

em: <http://teledramaturgia.com.br/o-cravo-e-a-rosa>. Acesso em: 15 jun. 2022.

XAVIER, Nilson. *O machão*. In: Nilson Xavier. *Teledramaturgia*. [s.l.]. [s.d.]. Disponível em:

<http://teledramaturgia.com.br/o-machao>. Acesso em: 15 jun. 2022.

